

O COTIDIANO DA CIDADE DE SALVADOR NOS SPRAYS DOS GRAFITEIROS

Julia Monteiro Oliveira Santos
Paula Regina de Oliveira Cordeiro¹

“Eu só quero que Deus me ajude e o menino muito mais também. Pois, a rosa é uma flor, a flor é uma rosa. O menino não é ninguém.” (Grafite no Santo Antônio Além do Carmo)

Resumo

O grafite como arte e manifestação cultural de subversão e resistência popular, onde a base material se expressa principalmente nas ruas. O grafite que carrega um discurso próprio do cotidiano das cidades apoiado em diferenças e identidades e em uma forma peculiar de representação. Nosso pressuposto é que a ação dos grafiteiros revela a pluralidade da condição humana, desnudando o caráter político e contestatório de sua relação com o espaço público. Para tanto, foram selecionados lugares com diferentes características sociais, culturais e espaciais, na tentativa de, através do lugar, compreender os fenômenos e representações do cotidiano de Salvador. Guiamos nosso trabalho as reflexões do Professor Milton Santos – particularmente as que fazem uma ligação com a subjetividade e experiência dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Analisamos também, quem fez, onde fez e o que fez. Partimos da tese de que existem culturas subdominantes que podem ser residuais, emergentes e excluídas, e que as chamadas subculturas encontrarão rebatimento no espaço e na paisagem. Este trabalho também assume o que coloca Denis Cosgrove, ou seja, que a Geografia está em toda parte.

Palavras-chaves: Grafite; Cotidiano; Geografia Cultural.

¹ Estudantes de graduação de Geografia na Universidade Federal da Bahia-UFBA. E-mail: jujumalulu@yahoo.com.br

Introdução: O grafite na cultura, a política do grafite

Pegamos a bicicleta e em sincronia passeamos pela cidade de Salvador. O que se vê? Vê-se tudo, ou quase-tudo, que uma metrópole possui: prédios, engarrafamentos, pessoas, movimento, tudo isso constituindo territórios, e, finalmente vemos a cultura e a política em um real e não-discreto muro. Muro este que pode estar na periferia da cidade, nos bairros nobres. Mas o grafite está lá e nele o cotidiano da cidade.

O grafite surge e se mantém como uma forma de expressão do hip hop, que além da arte riscada, envolve ainda o *break* e o *rap*, mas ultrapassa essa expressão. Marcelo Lopes de Souza afirma que tais formas “ são construções artísticas que expressam um significativo e contundente conteúdo de crítica social, apontando por vezes na direção da instituição de outras relações sociais e de poder” (SOUZA, 2004).

Portanto, as linhas que seguem irão abordar o grafite como uma contraposição a cultura de massas o que, para Habermas,

...atende às necessidades de distração e diversão de grupos de consumidores com um nível relativamente baixo de formação. Nesse processo, não se forma um público mais amplo, a fim de iniciá-lo num contexto cultural com alguma substância, o objetivo é massificar e ampliar as possibilidades para o consumo de lazeres e diversão (HABERMAS, 1984 apud SERPA, 2007, p.161).

Existindo aqui uma aproximação da observação de Milton Santos sobre a cultura popular, pois para Santos:

Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que es se discurso não venha com uma proposta sistematizada. (SANTOS, 1996, p. 320)

Foram realizadas entrevistas com os grafiteiros de Salvador, além de conversas e fotografias de vários grafites em locais estratégicos da cidade. Percorremos pelas ruas

do Centro, dos bairros Cabula, Pituvaçu, Liberdade, Boca do Rio, Santo Antônio Além do Carmo e toda orla Oceânica.

O grafite enquanto possibilidade política

Denissena nos diz que “O grafite é uma linguagem que está nas ruas, basicamente nas periferias, que é de onde sou, minha origem, que faço questão de falar”. Através disso, podemos perceber que o grafite se caracteriza (assim como todo hip hop) por ser “(...) um movimento político-cultural produzido por pessoas que moram em espaços pobres e segregados e, que, por meio da arte e da cultura, criam formas variadas de fazer política”. (Glauco, 2003, apud SOUZA, 2004, p.101). O grafite como arma de atuação e resistência de um cotidiano difícil.

É necessário acreditar que estão sendo gestadas novas formas de sociabilidades (Figura1) e acreditamos que o grafite nos aponte estas formas. Nos chama atenção o que aponta Ivana Lopes “Aquele que caminha com um olhar atento pode descobrir mais da história da cidade do que falam os meios de comunicação sacralizados pela sociedade e pela cultura hegemônica, oficial.”(LOPES, 2010.)

Uma das nossas primeiras estratégias foi entender o lugar como define Santos (1996), “Cada lugar é a sua maneira do mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”.

Figura1- Grafite na R. Carlos Gomes



Fonte: Pesquisa de campo, 2011

E é nessa singularidade do lugar que os grafiteiros se expressam e se apropriam do espaço urbano, além de ajudar a construir uma identidade na comunidade na qual eles fazem parte, Denissena, morador do Cabula, lugar originado de um Quilombo, como afirma o mesmo, nos diz que: “Eu praticamente gosto de pintar muito na minha comunidade. Por quê? Porque é meu bairro, e as pessoas precisam entrar neste universo, porque há um convite, e cada vez que eu produzo nos muros, nas paredes, as pessoas passam para apreciar. Quando eu vou para o meu bairro eu percebo que as pessoas passam a se identificar e entram neste universo”.

Para Lopes (2009) “O graffiti marca o corpo da cidade, com inúmeras mãos desejosas, deixando-o carregado de um desejo que se fez realidade. Mesmo que efêmero.” Desta forma, o grafite se configura como a expressão de um movimento político pois o lugar de onde os grafiteiros vêm – periferias pobres, conjuntos habitacionais, bairros populares – estará marcado em cada pintura (Figura 2), em cada ação. E a partir da associação de vários grafiteiros é possível a inserção de mais jovens no processo. Como nos diz Afro, morador da comunidade popular Bairro da Paz: “Em dois mil e cinco eu dei oficina no bairro da paz e até hoje tem alunos que *grafitam* e que estão fazendo... A arte modifica, a arte transforma; de qualquer forma, eu acho sim que tem um poder de transformação.”

Figura 2- Grafite na Av. 7 de setembro, Centro, Salvador



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Durante a pesquisa percebemos que o grafite é uma forma de apropriação da cidade: “É massa passar pela cidade e ver o que fiz; parece que você esta conquistando,

demarcando territórios” (Marcos Costa, 2011). É a população pobre dando respostas de resistência e solidariedade através da pintura nos espaços públicos da cidade – sejam eles ruas, viadutos, praças. São os *sprays* “gritando” o que a cultura dominante tenta calar. É a vez e a expressão dos pobres.

Para o grafiteiro TarcioV, morador do bairro periférico Castelo Branco, que não está “preocupado em pintar na Pituba, no Itaipara, na Barra”, bairros “nobres” da cidade, os próprios muros sujos da cidade fazem parte da sua obra:

Eu uso o espaço mal utilizado, paredes degradadas. Eu não costumo colorir lugares, deixar os lugares mais bonitos, eu só incremento, meu personagem não é uma pintura, ele está passando pela superfície, ele não está colado, ele está passeando por ali, mas ele ficou ali.

Já TarcioV enfatiza que

Meu grafite não tem cunho mercadológico, eu estou preocupado com a mensagem que eu vou transmitir e o que eu penso, eu não passo mensagem eu causo um desconforto, uma dúvida por que tem isso ali? Por que a mulher é assim? por que o cara é assim? Essa onda.

É através do grafite que as inquietações dos jovens de comunidades são colocadas em pauta na sociedade. É através da explosão de cores que uma outra forma de política está sendo gestada. São nos muros cinzentos que a criatividade e a monotonia se confrontam e a criatividade se vinga e triunfa. Matias, grafiteiro, afirma: “Tento fazer uma coisa mais alegre simpático, para o ambiente, pra que seja uma coisa agradável, além de me expressar, eu creio que seja uma coisa positiva, que as pessoas estão vendo, dando mais força.”

O diálogo é outro ponto forte do grafite. A oportunidade de dialogar com a comunidade, algo que se cria ao grafitar os muros, é o que fortalece o grafite. Além disso, a democratização da cultura é fato para os grafiteiros. Marcos Costa, também morador e ativista do Cabula, observa que:

“Na medida que vivemos numa sociedade com muitas desigualdades, então, quando você pinta na rua você está dando oportunidade para várias pessoas perceberem a obra de arte, estarem entrando em contato com ela. É *massa* pintar na cidade

por causa disso: poucas pessoas vão a museu e a galerias! Quando você pinta na rua você dá oportunidade de vivência artística aos mais *cults* e aos mais leigos, o que torna a arte democrática, acessível; e também trata de tema que a cidade vive como racismo, problemas de educação, moradia, transporte, violência; tem temas que são bons e você fala e todo mundo se identifica, vivendo aquela *onda*.”

Neste mesmo sentido TarcioV coloca que

Por mais que vivemos numa cidade que tenha uma influência muito forte da cultura da miscigenação, a gente tem uma carência dessa vivência. Tipo a periferia... o único pico de acesso à cultura que a periferia tem é a música e propriamente o grafite que é artes plásticas; difícil uma companhia de teatro ir no gueto. Então eu acho que é mais uma força. O grafite não precisa entrar num espaço para você viver o grafite, você só precisa passar na rua e ele já está lá.

Na cidade de Salvador podemos encontrar dois tipos predominantes de grafites (ver figuras 3 e 4, ressaltando o caráter não hierárquico das tipologias). Os mesmos descritos por SOUZA (2004):

O primeiro é uma pura expressão de cores, texturas e linhas. Não há mensagens textuais, não há muito o que interpretar. É, basicamente, experiência estética, preocupação com beleza, traços e formas. Não deixa de ser, no entanto, uma intervenção política, pois exprime uma outra subjetividade, uma outra forma de experimentar a cidade; rompe-se com a ordem dos muros cinzentos e sem vida. O segundo tipo apresenta personagens e cenas do cotidiano, sem abrir mão da preocupação estética, mas incluindo mensagens escritas. Nessa forma de grafite, as críticas sociais são expressas claramente, sejam elas endereçadas ao racismo, às desigualdades ou à alienação. (Souza, 2004, p. 107)

Figura 3- Primeiro tipo predominante



Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Figura 4 – Segundo tipo predominante



Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Durante o *rolê*², percebemos a presença do grafite *stencil*, confirmando o nível de organização dos grafiteiros:

Ainda que a princípio este fenômeno possa parecer desorganizado ao espectador desatento, devido principalmente a uma ação transgressiva que o acompanha e o caracteriza, a Guerrilha, também chamada de “Guerrilha & Propaganda”,

² Gíria utilizada pelos grafiteiros quando vão pintar, ou melhor, grafitar.

“Iconismo”, ou até “Neografite”, é na verdade um sistema que se organiza a partir da apropriação, tradução e esvaziamento das funções originais dos meios de comunicação de massa e de espaços públicos. (QUEIROZ, 2010).

A utilização do *stencil* vem se tornando uma prática comum de coletivos organizados para agitar e propagandear uma idéia e/ou posicionamento político. Um exemplo desta utilização é a do “Coletivo Feminista Mulheres na Rua” (do qual uma das autoras deste *paper* faz parte), que utiliza além do *stencil*, colagens (figura 5) e até mesmo campanhas (figura 6), como no caso do plebiscito popular pelo limite da propriedade da terra³.

Há vários outros movimentos contra hegemônicos e contra culturais, como movimentos feministas e de luta pela reforma urbana que também têm utilizado o grafite. Como insistir em chamar tal movimento como apenas artístico-cultural? Como negar-lhes o caráter político? Como negar ao espaço as relações de poder? O conteúdo geográfico do cotidiano e sua ação transformadora?

Para responder a estas indagações recorremos a Milton Santos:

Através do entendimento desse conteúdo geográfico do cotidiano poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento (e, talvez, teorização) dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; um convite à ação. (SANTOS, 1996, p.257)

Figura 5- stencil no centro de Salvador Figura 6-stencil no centro de



³ Mais informações sobre a campanha, no site: <http://www.limitedaterra.org.br/>

A rua é nois⁴: uma conclusão

Para nós, a melhor forma de compreender o grafite é ouvir os grafiteiros, dialogar com quem o utiliza. Neste sentido, uma das posições mais contundentes é a de Denissena, para quem o grafite abre o diálogo entre as pessoas. Sua afirmação é baseada em seu próprio exemplo: “Hoje o grafite é - e para mim sempre foi -, uma linguagem didática. Até porque eu conheci o grafite completamente através da ONG, eu considero o grafite uma linguagem de inclusão social total.”

A fala de Denissena localiza o grafite como uma das principais expressões artísticas e políticas da cidade contemporânea. No entanto, ela foi por muito tempo e ainda hoje é, discriminada. Ela se manifesta através de cores, linhas, formas, figuras, embalando o cotidiano da cidade em uma outra dimensão, provocando sensibilidades e resgatando a auto-estima de muitos, em especial a dos mais pobres. São estes jovens das periferias, são os trabalhadores, são todos aqueles que valorizam em Salvador uma identidade afro-indígena, resistindo e lutando, conquistando territórios, ainda que temporariamente, marcando a cidade com seus traços. “O grafite relacionado ao convívio com a cidade” é o que diz Tarcio V. Marcos Costa vê no seu grafite um pedaço dele, em suas palavras “você quando pinta parece que aquilo é seu, um pedaço de você na cidade e aquele pedaço da cidade é seu.”

Assim na riqueza dos grafites o cotidiano se desnuda, mostrando novas formas e conteúdos; alegrando e questionando os olhares dos leitores, bem como conquistando seu papel político-social de contestação tanto da ordem vigente, quanto da forma burocratizada do fazer político.

É necessário colocar, a importância que este trabalho tem para nós. É importante, pois faz compreender e perceber que está sendo gestado um novo tempo, um tempo em que a liberdade coletiva prevaleça; um tempo em que as utopias não estão sepultadas, mas sim, renovadas.

⁴ Letra da música do rapper Emicida. Jargão utilizado por muitos grafiteiros, se referindo a apropriação dos espaços públicos da cidade.

Ao fim, gostaríamos de agradecer a todos os grafiteiros que colaboraram, seja através de entrevistas, de fotografias; seja através da coragem e ousadia para romperem o que foi imposto para eles. A rua é nós e nunca vai deixar de ser (Rapper Emicida).

Referências

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAL, Zeny. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.p.92-103.

LOPES, Ivana. **As fronteiras de um desejo mal dito: o espaço da urbe (de)marcado pelo graffiti**. Salvador, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo : razão e emoção** . São Paulo, SP: Hucitec, 1996.

SERPA, Angelo Szaniecki Perret. **O espaço público na cidade contemporânea**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo, SP: Ed. da UNESP, 2004.